

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE OS
ANTECEDENTES E SUBSEQUENTES EMBATES
SOBRE A PUBLICAÇÃO DE *SODOMA DIVINIZADA*,
DE RAUL LEAL

BRIEF REFLECTIONS ON THE ORIGINS AND
AFTERMATHS OF THE PUBLICATION OF RAUL LEAL'S
SODOMA DIVINIZADA

FABIO MARIO DA SILVA¹

1 Professor de Literatura da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), na Unidade Acadêmica de Serra Talhada e Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PROGEL), da UFRPE. Pesquisador do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, da Universidade do Porto.

Resumo: O objetivo do nosso ensaio é apontar alguns textos que estiveram envolvidos na polêmica intitulada “Literatura de Sodoma”, com foco específico naqueles publicados por Raul Leal. Nossa intenção é entender como a obra *Sodoma divinizada* defende a publicação de António Botto e como ela constitui o alvo de duras críticas conservadoras, permanecendo como um importante texto para se (re)pensar a literatura portuguesa com conteúdo *queer* e os seus desdobramentos.

Palavras-chave: Sodoma divinizada, Raul Leal, polêmica, literatura *queer*.

Abstract: The objective of this essay is to discuss some of the texts involved in the controversy titled “Literature of Sodom,” with a particular focus on the texts of Raul Leal. Our aim is to understand precisely how his work *Sodoma divinizada* defends António Botto’s publication and how it came to be the target of harsh conservative criticisms, and why it remains such an important text for rethinking Portuguese queer literature and its repercussions.

Keywords: *Sodoma divinizada*, Raul Leal, polemics, queer literature.

O opúsculo intitulado *Sodoma divinizada*, de Raul Leal (Hench²), vem a lume a 15 de fevereiro de 1923³ e vai gerar uma série de ataques contra o autor. A polêmica estabelecida à volta desse texto e de outros, como mais adiante identificaremos, se inicia anos antes, em 1921, com a publicação de *Canções*, de António Botto, e as considerações que Fernando Pessoa⁴ faz sobre essa obra na *Revista Contemporânea*, em julho de 1922.

Nesse ensaio, intitulado “António Botto e o ideal estético em Portugal” (apud GONÇALVES, 2014), Pessoa afirma que a obra *Canções* representa uma das revelações mais raras e perfeitas do ideal estético helênico. Aponta a alta intelectualidade, o cuidado na forma e no ritmo e a falta de espontaneidade emotiva, visto que esses versos seriam todos muito bem

2 Segundo Fernando Cascais (2022, p. 195), o uso desse pseudônimo por Raul Leal tem a clara intenção de “assumir para si a identidade do Henoch bíblico, pai de Matusalém, avô de Noé, a que corresponde o Hermes Trismegisto helenístico, cujo conhecimento iniciático se pode por sua vez fazer assimilar – se quisermos aplanar os imensamente mais sinuosos meandros de um complexíssimo percurso histórico – às qualidades que atribuem ao Espírito Santo cristão algumas influentes heresias e dissensões medievais, como as inspiradas por Joaquim de Flora. Trazida para a cultura religiosa portuguesa pela Rainha Santa Isabel, esta mundividência sobreviveu com pujança às purgas inquisitoriais e às constrições da Igreja oficial apenas no culto açoriano do Divino Espírito Santo, teve igualmente uma forte influência no pensamento mítico-feminista de Natália Correia e, designadamente, na sua conceção da Mãtria portuguesa”.

3 Segundo José Barreto (2012, p. 242), “No espólio de Fernando Pessoa existe uma cópia de um documento de Raul Leal, datado de 15 de fevereiro de 1923, declarando a edição em 350 exemplares de ‘Sodoma Divinizada’ que ‘vai ser posta à venda ao preço de um escudo e cinquenta centavos cada exemplar’ (BNP/E3, 1153-25). O registo obrigatório da obra na Biblioteca Nacional foi feito a 17 de fevereiro (BNP/E3, 28A-26)”.

4 Pessoa também tem nítidas intenções editoriais, visto que a *Olisipo*, dirigida por ele, publicara os versos de Botto numa segunda edição revisada e aumentada.

estruturados, realçando que na obra encontram-se ideais de beleza física e de prazer, distanciando-se da imoralidade. Essas afirmações sobre a obra de Botto devem-se ao entendimento que Pessoa tem sobre o padrão ideal do corpo belo: a graça, que tanto o corpo masculino quanto o feminino possuem; a perfeição, que só existe no corpo dos deuses e a força, que só o homem possui. Por isso, segundo Pessoa, o esteta tem preferência por cantar o corpo masculino⁵, por acumular mais elementos de beleza.

Canções seria um hino ao prazer, não um prazer com “alegria” ou com “raiva”, mas com a intenção de preencher um vazio espiritual, com alguns laivos de satisfação trágica. Pessoa conclui considerando, pois, *Canções*, uma obra de “talento”, na qual encontra-se

5 Não deixa de ser interessante perceber, através dos estudos de Mário César Lugarinho, a influência de posturas como essa, que aponta nos modernistas certo desprezo pelas mulheres. Isso ocorre, segundo Lugarinho, porque uma das várias propostas inquietantes do *Manifesto Futurista* de Marinetti, que vai influenciar toda uma geração, que concebia essa estética como destruidora e regeneradora, manifestação suprema do novo, da tecnologia, como também da superação humanas, por obra do militarismo, do patriotismo, capazes de levar “à morte por belas ideias”, se centra na seguinte questão: “O que aí se encontra é o desaguar de todo o processo anterior que levará à já mencionada redefinição dos papéis sociais que a família burguesa empreendera no século XIX. Para os Estudos Gays e Lésbicos o mais flagrante é o investimento no masculino como fonte primordial de transformação e superação de uma tradição que urgia, para os futuristas, a ultrapassar. Anular a presença da mulher, desprezando-a, era uma forma de erradicação de uma tradição estética degenerada que se acostumara a exaltar o feminino como expressão do belo. A estética futurista, enfatizando o masculino e, até contínuo, a máquina, garante uma regeneração da cultura ou, melhor, a sua reinvenção porque expressa um conceito de belo que jamais havia tido lugar na cultura. Afirmativo, não dialético e, portanto, anti-histórico, por isso, a vanguarda ao pé-da-letra, o futurismo definiu praticamente toda a reflexão acerca dos movimentos artísticos que o seguiram e, de certa forma, o imitaram e o incorporaram e será por onde a identidade homossexual transitará do anunciado para a anunciação” (LUGARINHO, 2003, p. 169).

isolamento espontâneo e absoluto do ideal estético, sendo Botto o único esteta em Portugal.

Essas reflexões de Pessoa sobre a obra de Botto desencadearam uma série de protestos contra o conteúdo e defesa *queer* dos escritores⁶. Álvaro Maia, por exemplo, publicou, três meses após Pessoa na mesma revista, um ensaio intitulado “Literatura de Sodoma. O sr. Fernando Pessoa e o ideal estético em Portugal” (apud GONÇALVES, 2014), em tom de ataques e condenação do amor homo/lesbo, numa tentativa de denegrir aqueles textos e os seus autores. Maia diz que não vai se apoiar num discurso religioso, mas acaba referindo passagens bíblicas para condenar o conteúdo dos ensaios, os quais denominou de “Literatura de Sodoma”. Tal ação desencadearia a réplica ao texto do referido jornalista conservador, no mesmo mês de publicação, outubro de 1922, de Álvaro de Campos. Raul Leal adentra nessa querela com um texto intitulado “António Botto e o sentido íntimo do ritmo”, publicado no jornal *O dia*, a 16 de novembro de 1922.

Todas essas publicações enfrentaram a perseguição de estudantes das Escolas Superiores de Lisboa, movimento liderado pelo antigo diretor da Federação Acadêmica de Lisboa e aluno do 4º ano de Matemática da Escola Politécnica, Pedro Theotónio Pereira. Esse estudante, numa entrevista a M. R. L., no jornal *A*

6 Há uma série de textos que envolvem a polêmica, mas o foco do nosso ensaio recai sobre as respostas de Raul Leal. Para um maior aprofundamento dos textos que compõem a polêmica, conferir o trabalho de Zetho Cunha Gonçalves intitulado *Notícias do maior escândalo erótico-social do século XX em Portugal*.

época, em tom de condenação e revolta, refere a essas publicações como “pornográficas”. Revela também que no dia 19 de fevereiro do mesmo ano, os estudantes das Escolas Superiores de Lisboa⁷ resolveram formar uma liga de ação direta com objetivo de exercer “funções preventivas e ao mesmo tempo repressivas” (PEREIRA apud GONÇALVES, 2014, p. 108), numa espécie de “higiene moral e social”, com o intuito de combater “meninos desavergonhados” que frequentem clubes e bailes duvidosos e de senhores que possuem “maneiras femininas”. Afirma-se que os estudantes tomaram para si a responsabilidade de “queimar a ferro e brasa” o que ele denomina “cancros moribundos”, numa associação direta à homossexualidade a “doenças degenerativas”. O mesmo autor diz, sem citar nomes, que a função dessa liga de estudantes é: “fiscalizar as livrarias e meter também na ordem os artistas decadentes, os poetas de Sodoma, os editores, autores e vendedores de livros imorais” (PEREIRA apud GONÇALVES, 2014, p. 108), aludindo que o chefe do distrito e a polícia não fazem caso sobre dessa “imoralidade” que permeia a sociedade. No final do texto, o entrevistador diz que Theotônio Pereira lhe citou vários folhetos e publicações, mas por uma questão de “limpeza”, não os citaria nos

7 Por isso Aníbal Fernandes (2010, p. 95) chega a referir, numa nota da edição que organizou sobre a *Sodoma Divinizada*, que “se as Canções de António Botto chegaram para franzir alguns sobrolhos, no panfleto de Raul leal houve ‘blasfêmia’ para acirrar os moralistas de mentalidade burguesa. Surpreende, no entanto, que estes moralistas não fossem homens velhos, mas jovens das escolas superiores da capital”.

jornais. Acrescenta-se que o mesmo falava em específico das obras de Botto, Teixeira e Leal.

Sodoma divinizada vem a lume com a intenção de defender a obra de António Botto e de expressar a sua própria opinião sobre as relações homossexuais, a partir de uma concepção mística. A obra começa sua reflexão citando o texto “bastante infeliz” de Álvaro Maia, que critica as reflexões de Fernando Pessoa sobre a obra de António Botto. Leal alude à falta de argumentação e à falsa e pretenciosa erudição de Maia, chamando-o de invejoso perante a formosura do corpo e espírito masculinos que ele não possuía. Afirma-se que a sua atitude grosseira em relação à arte se deve ao seu aspecto “torto e feio” e que, por isso, por representar a própria imagem da feiura masculina, nega o talento e a arte do grande poeta que é António Botto. Não deixa de exaltar Pessoa como uma “dos mais altas individualidades de toda a nossa literatura” (LEAL, 2010, p. 78)⁸ e menciona que Teixeira de Pascoas já consagrou a obra *Canções*: “Portanto, sr. Maia, se não quer cair no ridículo não contrarie a opinião dos grandes”.

Leal relembra os ataques proferidos contra a luxúria e a pederastia e que o crítico não foi capaz de sentir “os prazeres altíssimos da Carne-Espírito” e o “delírio da carne divinizada que é uma expressão da loucura bestialmente espiritual” (p. 78-79).

⁸ Usamos a edição de *Sodoma divinizada* organizada por Aníbal Fernandes, da editora Babel. Todas as citações subsequentes dizem respeito a essa obra.

Segundo Leal, ao atacar o amor homo presente na obra de Botto, o crítico conservador acaba por afastar-se e negar a existência do propósito divino: “Deus é o infinito e impor o Limitado como o impõe a sacrílega Razão, é negar Deus!”, e ainda alude que “se o infinito não vai contra limites é que ultrapassa antes metafisicamente todos os limites, obra da Razão que determina, que delimita, que *limita* tudo. O Infinito ultrapassaria pois a Razão, é Ultra-razão em Vertigem” (p. 79). Ou seja, o que *Sodoma divinizada* propõe é uma nova interpretação além da visão conservadora que tentava impor padrões fixos de sexualidade e julgava os atos de consumação do desejo por dois corpos do mesmo sexo como algo impuro e pecaminoso.

Esse “Infinito Absoluto” exprimiria a “pura Vertigem na Vida” (p. 79), por isso “tudo é infinito, só o Infinito existe, só existe Deus” e se tudo é metaforicamente ou teometafisicamente impreciso, “incerto é que tudo tem a Vertigem por essência” porque ela representa, antes de tudo, “a suprema imprecisão anti-irracional ou antes ultra-racional das cousas mergulhadas no infinito de Deus” (p. 79). Por isso a Vertigem é sagrada e divina. Ou seja, a Vertigem, enquanto sensação de desfalecimento, desorientação, associada à instabilidade corporal, é um elemento para se mergulhar na ideia lealiana de Infinito que representa a sua concepção de Deus. Isto quer dizer que os lexemas Deus e Vertigem são sinônimos porque existem “puramente” e não se limitariam a nenhuma

concepção finita, herética. Por isso Fernando Cascais afirma, apoiado numa leitura da obra *Liberdade Transcendente* (2013), do mesmo autor, que

a experiência da Vertigem, tal como ela é apresentada por Leal, não só tem um carácter sobre-humano – porque divino, na verdade – como é transformada em princípio de subjetivação, pelo qual me posso constituir como um Eu, e em princípio cognitivo, através do qual eu posso conhecer o mundo. Ao dizer coisas tais como, entre muitas outras, que a realidade da Verdade-Vertigem é impregnada de Vácuo, impregnada de Irreal, possuindo a mesma natureza do Sonho, Leal confere, porém, um inegável carácter onírico e alucinatório à experiência cognitiva (CASCAIS, 2022, p. 187).

Por seu turno, segundo a hipótese de Rui Lapa (2013, p. 24), o vertiginoso na obra de Leal pode ser entendido

como um contributo de grande valia para a interpretação filosófica da heteronímia, até pelo peso que nele tem a discussão do estatuto do sujeito individual, a partir de uma muito pessoal apropriação reelaboradora da monadologia de Leibniz, da ética de Espinosa e do idealismo kantiano e posterior.

Assim, a Vertigem seria “absoluta” e o seu existir é “teometafísico”, “berrante”, “bestial” (a excelência, o elevado), concluindo, ao tentar associar esses termos, que ela é “metafisicamente Besta, e é também a luxúria por se tratar de puro, de bestial manifestar-se de Vertigem. Na luxúria existe a Besta e existe a Ver-

tigem, delírio, loucura espiritual dos Céus. Portanto a luxúria é obra de Deus” (p. 80). Leal associa o Infinito ao sagrado, e o limitado (a razão) à heresia. Esse Infinito Absoluto exprimiria a “Vertigem da Vida”. A Vertigem, enquanto processo de delírio e transe corporal, estaria imersa na concepção infinita de Deus, por isso ela é sagrada.

Teometafisicamente falando, a Vertigem se manifesta através da Bestialidade, como também a luxúria (os prazeres carnis e comportamentos sexuais considerados exagerados, como o homo e o lesbo). O ato sexual e a sensação de prazer desmedida, como entende Leal, estão associados à sensação vertiginosa.

Associa-se o “divino” a um “Mundo-Verbo/Carne-Espírito” que nesse “Absoluto” estaria em “Vertigem” e em “Ânsia”. Por isso, procura-se associar a luxúria ao conceito de Divino e do erótico, como uma espécie de “culto estético”, que também se interliga ao Infinito e ao conceito de Beleza e de Arte:

Assim se deve consagrar a luxúria, manifestação mundana de Deus em Vertigem que é o próprio Deus, o próprio Infinito essencializado. O culto erótico, ao contrário do que julga o Sr. Maia, o culto do excessivo divino que é a Vertigem pura, bestial encarnada mundanamente na luxúria, é a vertiginação do culto estético que, elevado assim a um atordoamento delirante, atinge o supremo paroxismo. A emoção luxuriosa é a emoção estética convulsivamente infinitizada. O estetismo simples atinge só a beleza determinada e pois com limites a delimitá-la, ao passo que o erotismo puro vai além de todos os limites, atingindo a vertigem

do Infinito. A diferença, se é qualitativa, é por excesso absoluto de quantidade: o Infinito qualitativamente se distingue do Limitado mas porque se distingue dele quantitativamente em excesso. O erotismo e a luxúria são pois bem o paroxismo infinitamente convulsivo, vertígio do estetismo puro, não contrariando este, como julga o Sr. Maia. Num caso temos apenas o Belo, limitado por natureza, no outro caso temos o Sublime que não conhece limites, que só conhece a loucura delirante do Infinito que é Deus. (p. 80-81)

O autor continua afirmando que há vários cultos estéticos que não chegam a ser luxuriosos. Faz ressalvas distinguindo dois tipos de belezas: a restrita (finita/racional), a que Maia defende no seu artigo; e a “beleza monstruosa”, que pode acender ao Sublime que se associa a Vertigem enquanto excesso. É nessa forma de beleza que Leal vê uma ligação direta com o erotismo (e, conseqüentemente, com a “Literatura de Sodoma”). É exatamente essa dinâmica que o autor explicita no seu opúsculo ao seu opositor:

O belo tem muitas formas, sendo bela e muitas vezes sagrada a bestialidade. Bela é a bestialidade dos bailados russos, da Walkiria ou do Parsifal, sendo maravilhosamente sagrada e expressa nas formas horrendas das catedrais góticas, na pompa berrante, brutal da Igreja e enfim em muitas obras e atitudes dos místicos medievais (p. 81).

Dessa maneira, o erotismo manifesta-se nessa vertigem/êxtase, revelando a sua natureza pura/berrante, que se apresenta na forma de um delírio “Car-

ne-espírito”. Como exemplo, o autor utiliza personalidades da Igreja Católica para melhor expressar as suas reflexões, como, por exemplo, São Jerônimo, Santa Teresa de Ávila e Santo Agostinho, que atingiriam Deus através de êxtases misticamente luxuriosos. Por isso, Leal explicita que o culto luxurioso das formas bestiais (excessivas e superiores) não é antiestético como pensa Maia, pelo contrário, se apresenta de maneira divina. Por isso pode encontrar-se nos considerados “devassos” uma beleza além da “arte simples” (limitada):

O facto de haver artistas que não são talvez luxuriosos, não prova que a luxúria não seja em muitos casos o paroxismo da Arte. E é ela que sente o que há de divino em todos os aspectos da Existência, sendo ela que com a sua acuidade genial descobre a beleza natural deles, muitas vezes inacessível à arte, quando despida de luxúria, arte que não atinge o paroxismo vertigoso, luxurioso, divino (p. 82).

A luxúria, então, seria uma componente necessária à arte, porque se eleva além do senso comum e atinge vários níveis de sublimidade daquilo que o autor compreende por belo, porque essa maneira de conceber a arte ultrapassaria quaisquer formas de imposição ou de estruturas fixas: “a luxúria procura o convulsivo e não apenas a beleza plástica, querendo, pois, a beleza da força brutal e dos nervos que a arte despida de sensualidade espasmodicamente espiritualizada não pode atingir” (p. 83). Lembremo-nos

que durante o período modernista o tema da “luxúria” adentra-se como estética. É certo que o culto da luxúria já fora poetizado por Charles Baudelaire, mas certamente uma das precursoras do tema, e que Leal, cremos, teve acesso, foi Valentine de Saint-Point com o seu *Manifeste futuriste de la luxure* (1912), publicado em português no *Portugal Futurista*, em 1917, na qual a autora afirma que “La luxure est une force” (SAINT-POINT, 1996, p. 29-30). Judith Teixeira (2015), anos mais tarde, também vai referir o mesmo tema em *De Mim. Conferência em que se explicam as minhas razões sobre a vida, sobre a estética, sobre a moral*, saído em 1926, após a publicação do opúsculo de Leal, texto a que ele também teve acesso, tendo em vista sua proximidade com a autora. Escreveu Judith:

a luxúria em que ritmei certas atitudes nos meus poemas representa sobretudo a forma mais pomposa e elegante que poderia corresponder a uma atitude interior mais comandada pela Arte do que pelos avisos duma moral que uma sociedade se cansa em recomendar aos outros à força de a infringir.

Vivi nas horas dessa ardente concepção, esta luxúria, que era a forma da minha Sinceridade (TEIXEIRA, 2015, p. 286).

Assim, a Luxuria, desde os escritos de Baudelaire e Saint-Point, é uma maneira de expressão de vida, muito dentro da perspectiva da modernidade e do decadentismo-simbolismo, porque exprimiria “atitudes fortes dos verdadeiros artistas, as quais se erguem

sempre emancipadas dos preconceitos da época ou civilização em que vivem” (TEIXEIRA, 2015, p. 286). Ideal no qual os três artistas (Saint-Point, Leal e Teixeira) acreditam, distanciando-se Raul Leal pela interpretação mística do termo, associado a conceitos metafísicos, religiosos, filosóficos e greco-romanos, subvertendo-o e reinterpretando-o.

A luxúria seria, então, a partir dessa linha de pensamento, a representante da mais alta manifestação do mundo em “toda a sua bestialidade” (p. 83). Logo, de seguida, Leal refere que antes do Verbo surgiu “O mundo e no Mundo o homem eram considerados fora de Deus que lhes era diretamente inacessível” (p. 83), por isso o Mundo era inferior e Deus não estava nele. Assim, o alheamento das coisas divinas seria fácil de realizar, “portanto o reino da Serpente, feito só de Terra, só de Barro, surgindo alheado de Deus, devastava o mundo inteiro” (p. 83). Porém, surgiu o “Verbo” para divinizar o Mundo, dessa forma, Deus se manifesta segundo o cristianismo e o Cristo-Verbo nos ensina que Deus está na alma, na “alma-mundo”. Deus se manifestaria no seu esplendor “excessivo, convulsivamente bestial” (p. 84). Então, o mundo é uma existência concreta e Deus, no seu purismo, “é a Abstracção”. (p. 84); o “Mundo-Nós, Mundo-Alma” é divino porque Deus se manifesta nele.

Leal afirma que em Deus não há cisão, nem tipo de situação contraditória “surgindo pura distinção vertiginosamente em pura indistinção [Nós]” (p. 85).

Por isso, tanto o mundo quanto os seres humanos são terrenos e impotentes ao alhear-se de Deus, que é a nossa essência, e de Cristo, a encarnação do Verbo, que nos revelou a distinção a superioridade que combinados “formam o conceito de Sobrenatural” (p. 85). Dessa maneira, tudo na vida deve “transpirar Deus”, propondo como sentir Deus a partir de experiência mundanas: “Nós hoje alheamos-nos de Deus pelo que somos impotentes, mas podemos viver a pompa e a luxúria que são o Mundo, misticamente, de modo a senti-las como expressão de Deus.” (p. 86). Leal infere que é possível, a partir da concepção dos sete pecados capitais, viver a expressão de Deus, mas para isso há que seguir certas dinâmicas, como mais à frente o autor vai explicitar. Contudo, antes de tais reflexões, ele usa exemplos de luxúria sagrada/mística através de algumas construções da arquitetura francesa:

Um palácio moderno, a pompa dos Bourbons ou dos Hohenzollerns não deixam transparecer Deus, sendo tudo isso só expressivamente terreno, mas nas catedrais góticas e na luxúria dos místicos de Deus surge manifestamente em pura exaltação. Essas catedrais e essa luxúria são bem a expressão de Deus. E por que não há-de tudo tomar uma expressão divina?... Aos artistas compete sobretudo criar um ambiente em que se sinta imediatamente Deus em toda a sua bestialidade formidavelmente luxuriosa (p. 86-87).

A partir dessas reflexões, compreende-se a arte/a criação artística que, na sua bestialidade, transmite

a ideia de excesso, pompa e luxúria e os artistas podem criar ambientes/obras em que se possam sentir a expressão divina. Daí que alguns indivíduos apenas expressariam formas terrenas e outros tantos do céu quanto da terra, dependendo da forma como executam e compreendem o mundo, bem como da expressão de suas formas, o que ajuda a distinguir dois tipos de classificação da luxúria: a que ocorre se os seus agentes forem místicos em exaltação sentindo Deus através de tudo; e a que difere da luxúria mundana que pode ser profana, não divina. Dessa forma, qualquer ato que não possui a mínima grandeza é classificado com esse tipo de luxúria do mundo, que é inferior, associada à ideia de feiura.

Leal entende que as ocupações artísticas, científicas e filantrópicas podem ser luxuriosas e que por esse motivo não devemos condenar a luxúria, mas lembra que há artistas e cientistas inferiores. A partir dessas reflexões começa a discorrer sobre a condenação que Maia faz do conteúdo “sodomita” da obra de Botto, afirmando que a pederastia deve ser consagrada, tal como a luxúria, se seguir certos parâmetros e possuir os mesmos fundamentos teológicos e teome-tafísicos na Vertigem:

E consagrada não deve ser apenas a luxúria em geral, consagrada deve ser também a pederastia, *quando divinamente sentida*. [...] Nela se exprime a unidade essencial de tudo, a unidade essencial da Existência em Deus. A divisão em dois sexos destrói essa unida-

de que devemos restabelecer através da pederastia. É no mesmo ser que devemos fundir a pura virilidade e a pura feminilidade. Trata-se de dois aspectos do mesmo. A divisão, a separação desses dois aspectos foi obra da Serpente que quis assim destruir a unidade essencial da Vida que tem Deus por essência, Deus que é a Unidade Pura. Para nos essencializarmos é indispensável a unificação da vida em nós visto a unidade que identifica tudo com tudo ser, precisamente, a nossa essência. Portanto a Vida não deve surgir mais dividida em duas partes, em dois sexos diferentes. É necessário restabelecer através de nós a unidade de Deus que se no fundo é eterna, para nós não o é, estando nós alheados dela visto pela Serpente nos termos dividido em duas partes (p. 88-89).

Apesar de místico e conhecedor de textos eclesiais e bíblicos, Leal socorre-se da mitologia grega-romana para construir algumas noções de misticismo, apoiar as suas ideias a favor das relações sexuais do mesmo sexo e fazer as suas conjecturas sobre as noções de Deus que vai debatendo durante todo o ensaio. Assim, o autor justifica que o Infinito não se divide em duas partes, mas se une, tal como as pessoas do mesmo sexo⁹:

9 Como atenta Fernando Cascais, o tema da androgenia é fundacional na cultura ocidental e remonta ao discurso de Aristófanes no *Banquete* platônico sobre o andrógino matricial. Contudo, o crítico revela que apesar das muitas equívocas leituras cristianizantes e modernizantes, “quando os Gregos não eram nem cristãos nem modernos, a demanda da metade perdida não é de modo nenhum impulsionada, em Aristófanes, pela diferença sexual. A falta que a desencadeia não decorre da diferença anatômica, como se cada sexo procurasse complementar-se com aquilo que anatomicamente o outro possui para colmatar a sua própria carência orgânica. Nada autoriza uma leitura heterossexualizante – e heteronormativa – do *Banquete* e Aristófanes tanto concebe uniões de duas metades com sexos diferentes como uniões entre indivíduos do mesmo sexo, machos e fêmeas” (CASCAIS, 2022, p. 198).

dois sexos é herético porque pretende destruir o Infinito, dividindo-o porque pretende destruir o espírito uno de Deus. Se queremos atingir a nossa essência divina, puramente una, temos que reestabelecer antes de mais nada a Unidade da Vida em nós, fundindo os sexos num só (p. 89).

Contudo, o autor de *Sodoma divinizada* faz uma ressalva ao dizer que também há pederastas inferiores ou incompletos, se ele não for um místico que sinta Deus em unidade pura e em onipotência; ou seja, ele se sentirá ao mesmo tempo macho e fêmea, caso contrário é um pederasta incompleto, alheado das coisas divinas. Relembra que Sodoma foi destruída porque não existia Deus e apesar de seguir uma linha de interpretação próxima das leituras conservadoras bíblicas contemporâneas, não deixa de defender as suas ideias apostando nas noções de vertigem e infinito para a construção da divindade das relações sexuais homo:

Se os pederastas e luxuriosos de Sodoma exercessem o vício duma forma divina, compenetrando-se em absoluto de que era Deus quem lhes convulsionava delirantemente a alma e os sentidos, compenetrando-se, por exemplo, de que estavam a ser possuídos em carne e espírito por aspectos do Verbo espalhado no mundo inteiro, espalhado essencialmente em todos nós que somos aspectos vários, várias categorias da Existência Divina, então Sodoma não seria condenada a chamadas purificadoras. Mas nessa cidade do Vício não havia piedosos, a luxúria mais profunda era exercida como prazer da Terra, da Natureza em que o Sobrenatural se não imprimia misticamente (p. 91).

Sendo assim, Sodoma não foi condenada às chamas por ser viciosa, mas por não ser misticamente viciosa. A exaltação luxuriosa era terrena e os vícios não eram místicos: “Sodoma foi castigada como castigados por Cristo foram os vendilhões no templo. Eles exerciam apenas ocupações terrenas, não se comprometendo com a existência divina” (p. 92).

Destarte, as ocupações (luxo, comércio, indústria, ciência, filosofia etc.) devem ser abominadas quando se exercem só de uma forma terrena, por isso Leal afirma que a honra e a desonra, a moralidade e a imoralidade, devem ser amplamente abomináveis se forem expressões terrenas, pois deveríamos viver numa luxúria (mística), para Deus.

O opúsculo se encerra a pedir que se criem templos de luxúria, os quais possam ter uma feição litúrgica. E só então surgirá o “verdadeiro sensualismo místico”, que exprimiria a divinização do Mundo, a “divinização de Sodoma”.

Como se pode depreender, Leal utiliza-se da polémica envolta na obra de Botto não apenas para defender o conteúdo da obra do seu amigo, mas para referir as suas ideias sobre a mística, sobre Deus e sobre os conceitos pejorativos na altura, como luxúria, pederastia, erotismo e vertigem, procurando ressignificar cada lexema.

Raul Leal também lançaria o seu panfleto contra a apreensão de *Sodoma divinizada*, num texto distribuído em março de 1923 (cf. GONÇALVES, 2014, p.

216), intitulado “Uma lição de moral aos estudantes de Lisboa e o descaramento da igreja católica” assinado como “O profeta Henoch”. O texto se refere ao líder da Liga dos Estudantes, Pedro Theotônio Pereira, que teria a pretensão de demolir a “bela organização social”, no qual vivem os homossexuais, se referindo não apenas à literatura de Sodoma, mas também para pôr na ordem aqueles que recusam “os modelos de masculinidade hegemônica e de heterossexualidade obrigatória” (CUROPOS, 2021, p. 59). Certamente que Leal seria um dos “devassos heréticos” citados pelo grupo, desde que começou a publicar as suas notas nos jornais. Leal afirma que os seus integrantes devem manifestar um pouco menos e meditar mais, pois é preciso estudarem muito, antes de aparecerem em público para protestar, visto que a moral não é o que eles imaginam, já que mal viveram e por isso não sabem se poderão ser dignos de defendê-la. E ainda acrescenta: “as perversões sexuais só serão indignas se forem realizadas de uma forma reles e se não se pensar noutra cousa que não seja o vício” (LEAL apud GONÇALVES, 2014, p. 128).

Leal acrescenta que a sua vida é um exemplo de moralidade, referindo os quatro anos horríveis em que passou fome, bem como a sua miséria na estadia em Madri. Diz que foram-lhe oferecidos vários cargos para trabalhar no Estado por parte dos republicanos – muitos deles eram seus amigos –, porém se recusou para se entregar à sua arte. E, por isso, viveu por

completo de uma maneira simples e solitária, pois além de recursos limitados, praticava apenas o onanismo. Recusou até mesmo um lucrativo convite (que envolvia corrupção), para assinar documentos como advogado sem trabalhar. Termina o seu manifesto afirmando que o verdadeiro sentido da ação moralizadora dos estudantes, encabeçado por Theotonio Pereira, é satisfazer vaidades e ambições terrenas e a imbecilidade do público, representada pela Igreja Católica, que tem dirigido toda a sua ação contra ele, referindo que nenhuma voz, entre os burguesinhos artistas, se levantou a favor dele, de Botto e de Pessoa (sem citar Judith Teixeira). Por isso, Mário Cesar Lugarinho (2003, p. 142) relembra que

À parte as considerações a respeito das propostas controversas, interessa em verdade, que a réplica que Álvaro Maia fizera a Fernando Pessoa, que fora intitulada “Literatura de Sodoma”, deixava claro que as estratégias discursivas do poeta maior de *Orpheu* encobriam, na verdade, que Botto, Pessoa e depois Leal estavam a defender a pederastia e a reivindicar uma identidade específica que a burguesia expulsara do terreno da normalidade social.

O autor ainda publicaria um panfleto intitulado “Para os sórdidos estudantes de Lisboa”, no qual ataca diretamente o líder estudantil Pedro Theotonio Pereira. Leal revela que alguns jornais teriam recortados frases suas para afirmar coisas que ele dizia, mas em sentido contrário. Assegura que muitos “pulhas theo-

tónios” foram ao governo civil requerer a apreensão de *Sodoma divinizada* e *Canções*, mas muitos deles tinham acabado de sair da alcova de homens que eram seus amantes: “Vocês são muitos, eu sou um só e não me escondo” (LEAL apud GONÇALVES, 2014, p. 147). Conclui o texto revelando que esses estudantes constituem a sórdida sociedade que se constituirá.

Em suma, observamos nesse pequeno percurso sobre a polêmica de Sodoma, que, apesar de defender a obra de Botto contra as calúnias de Maia, o autor não deixa de revelar que *Canções* não atinge o seu ideal estético de luxurioso e de pederasta místico, referindo que esse entendimento depende também do meio em que vivemos e, mesmo, naturezas místicas como a sua se sentem influenciadas nefastamente pelo “sacrílego da vida moderna.” (p. 93). Ou seja, a sua visão mística do mundo se afronta com as novas teorias modernistas surgidas no início do século XX, após o início da *Belle Époque*. Leal sabe que essa corrente estética prega uma total liberdade de compreensão artística e de ser e estar no mundo, visto que para o modernismo o avanço tecnológico, a modernização das cidades e a arte se expressariam sem nenhum tipo de tabu. Por isso, Fernando Cascais, no principal texto reflexivo sobre *Sodoma divinizada*, observa que a relação entre vertigem e Deus no pensamento de Leal tem uma certa influência modernista:

Que o infinito seja a própria vertigem que é Deus, trata-se já de uma leitura caracteristicamente moderna que Leal fica a dever ao seu projeto de instauração da Igreja futurista do Paracletianismo, já claramente esboçado quando, em 1921, redige a célebre missiva a Marinetti, propondo-lhe uma reforma radical do futurismo, de acordo com o futurismo psicodinâmico português, que não é apenas fisicamente dinâmico, como o futurismo ortodoxo do italiano que pretendia incendiar os museus e bibliotecas italianas para nada ficar do passado (CASCAIS, 2022, p. 194).

Contudo, Leal não deixa de criticar a modernização das sociedades e as revoluções políticas e culturais, como ponto que dificultam, nas novas gerações, compreender esse universo místico que ele defende. O autor ainda fala sobre a condenação social do pederasta, castigo moral esse que deveria ser aplicado a qualquer cidadão:

Nada deixa hoje transparecer Deus imediatamente; só com um grande esforço de imaginação nós conseguimos vê-lo; tudo é profano, pagão, terrestre, naturalista em volta de nós. Como é fácil pois sobrenaturalizar-nos no Amor e no Vício?... Seremos inferiores, condenáveis por não vivermos eternamente Deus em toda a nossa vida, mas somos todos igualmente condenáveis. O pederasta e luxurioso alheado das cousas divinas não é digno de censura por ser pederasta e luxurioso; é-o apenas como quaisquer outros homens – o do lar, o comerciante honrado, o escroque por não exercer o vício misticamente. (p. 93)

A condenação deve se aplicar a todos, se não seguirem a dinâmica da divinização das suas ocupações,

ou seja, da real intenção do contato com o Deus, que só pode ser alcançada na bestialidade (sublimidade e êxtase), e a pederastia, como qualquer outro tipo de prática social, deve ser condenada não em função da condição dos sujeitos, mas como esses sujeitos aplicam a sua ação na sociedade a partir da busca pela Vertigem. Segundo Fernando Cascais (2022, p. 187), o objetivo de Leal com a publicação do panfleto é:

contrapor ao argumentário pessoano do paganismo em prol de Botto a sua “defesa e ilustração” de uma pederastia divinizada que ele mesmo diz não ser a do poeta das *Canções*, tomando inteiro partido da polémica entretanto aberta, de maneira a expor as suas próprias teses.

E de também ser propagador da seguinte ideia: “Leal transforma *Sodoma Divinizada* num dos textos-chave do anúncio do advento de uma Teocracia Universal Paracletiana [...]. Trata-se de uma visão que não é católica, nem sequer cristã” (CASCAIS, 2022, p. 195).

Assim, esse texto marca uma cisão na história da literatura portuguesa propondo a temática gay com um viés místico e de enfrentamento com a Igreja Católica. Mas não pensemos que se deve “forçar o espírito e a letra de *Sodoma Divinizada* a caber no mundo de sentido da atual emancipação LGBTQI+, que ele não compreenderia nem subscreveria, a obra de Leal pode legitimamente ser reivindicada para a sua gene-

alogia, estabelecida com os exigíveis critérios de rigor epistemopolítico” (CASCAIS, 2022, p. 205).

Álvaro Maia não compreendia, segundo Leal, a noção de “Razão”, ligada à heresia, e um dos seus reversos, o “Infinito”, associado a uma concepção mística do mundo, do próprio Deus. E o viés discursivo que Leal utiliza para se defender é usar um dos temas dos argumentos do seu opositor, referindo a concepção de Deus, para indicar uma harmoniosa relação entre a luxúria e a vertigem (se seguirem determinadas dinâmicas) e defender a pederastia.

REFERÊNCIAS

BARRETO, José. Fernando Pessoa e Raul Leal contra a campanha moralizadora dos estudantes em 1923. *Pessoa Plural: A Journal of Fernando Pessoa Studies*, Providence, p. 240-270, 2012. Disponível em: https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/27612/3/PP2_artigo8.pdf. Acesso em: 19 fev. 2023.

CASCAIS, António Fernando. Sodoma Revisitada, Sodoma Redivinizada. *Pessoa Plural: A Journal of Fernando Pessoa Studies*, Providence, p. 185-211, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.26300/xz7q-t175>. Acesso em: 20 jan. 2023.

CUROPOS, Fernando. António Botto e Fernando Pessoa nas ruas de trás. In: BASTOS, Margarida Almeida; RIBEIRO, Nuno (coord.). *António Botto e Fernando Pessoa: Poéticas em diálogo*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2021. p. 55-73.

FERNADES, Aníbal. Introdução. In: LEAL, Raul. *Sodoma divinizada*. Organização, introdução e cronologia de Aníbal Fernandes. Lisboa: Guimarães, 2010. p. 95-102.

GONÇALVES, Zetho Cunha (org.). *Notícia do maior escândalo erótico-social do século XX em Portugal*. Lisboa: Letra Livre, 2014.

LAPA, Rui. Raul Leal e Fernando Pessoa: um sublimado furor diabolicamente divino. *Pessoa Plural: A Journal of Fernando Pessoa Studies*, Providence, p. 1-24, 2013. Disponível em: https://www.brown.edu/Departments/Portuguese_Brazilian_Studies/ejph/pessoaplural/Issue3/FullIssue3.pdf. Acesso em: 18 jan. 2023.

LEAL, Raul. *Sodoma divinizada*. Org., intr. e cronologia de Aníbal Fernandes. Lisboa: Guimarães, 2010.

LUGARINHO, Mário. “Literatura de Sodoma”: o cânone literário e a identidade homossexual. *Gragoatá*, Niterói, n. 14, p. 103-145, 2003. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33451/19438>. Acesso em: 19 fev. 2023.

SAINT-POINT, Valentine de. *Manifeste de la femme futuriste; suivi de, Manifeste futuriste de la luxure; le théâtre de la femme; La Métachorie*. Paris: Séguier, 1996.

TEIXEIRA, Judith. *Poesia e Prosa*. Organização e estudos introdutórios de Cláudia Pazos Alonso e Fabio Mario da Silva. Lisboa: Dom Quixote, 2015.